
GEOGRAFIAS DO MUNICÍPIO DE CHAVES – PA EM FOTOGRAFIAS: OLHARES E INTERPRETAÇÕES DA PAISAGEM MARAJOARA

Adriano Ribeiro **NERI**

Mestre em Geografia pela (UNIFAP) e Especialista em Ensino de Geografia e em Educação Ambiental e Sustentabilidade pela (UFPA); Membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Geográfica (NEPEGEO/UNIFAP).

E-mail: adrianonery7@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6512-3685>

Eliane Aparecida Cabral da **SILVA**

Doutora em Geografia pelo (IGE/UNICAMP), Professora no Curso de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia (UNIFAP).

E-mail: lianecabral@unifap.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8526-9863>

*Recebido
Março/2026*

*Aceito
Junho/2026*

*Publicado
Junho/2026*

Resumo: A paisagem é a categoria de análise geográfica que expressa as relações entre sociedade e natureza materializadas no espaço. Na Amazônia, especialmente no arquipélago de Marajó, ela apresenta características únicas que devem ser exploradas para melhor compreender as dinâmicas socioterritoriais que constituem a região. Nesse contexto, a fotografia emerge como uma linguagem proeminente na interpretação dessa paisagem regional. Este estudo analisa como fotografias produzidas por fotógrafos locais do município de Chaves-PA contribuem para a interpretação da paisagem de Marajó e para a compreensão das dinâmicas que constituem esse espaço geográfico. A pesquisa parte da seguinte questão: podem as fotografias feitas por aqueles que vivenciam o território ampliar as possibilidades de interpretação da paisagem e contribuir para uma melhor

compreensão das dinâmicas regionais? Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso com abordagem qualitativa e utiliza análise bibliográfica e agrupamento temático de imagens fotográficas, guiada pela compreensão da fotografia como linguagem e construção social. Os resultados demonstraram que as imagens registradas por fotógrafos locais apresentaram informações mais diversas sobre as práticas sociais e os modos de vida existentes na paisagem de Marajó, sendo, portanto, registros mais relevantes para a compreensão do espaço geográfico em Chaves-PA.

Palavras-chave: Geografia; fotografia; paisagem; Marajó.

GEOGRAPHIES OF THE MUNICIPALITY OF CHAVES – PA IN PHOTOGRAPHS: PERSPECTIVES AND INTERPRETATIONS OF THE MARAJOARA LANDSCAPE

Abstract: Landscape is the category of geographical analysis that expresses the relationships between society and nature materialized in space. In the Amazon, especially in the Marajó archipelago, it presents unique characteristics that should be explored in order to better understand the socio-territorial dynamics that constitute the region. In this context, photography emerges as a prominent language in the interpretation of this regional landscape. This study analyzes how photographs, produced by local photographers from the municipality of Chaves-PA, contribute to the interpretation of the Marajó landscape and to the understanding of the dynamics that constitute this geographical space. The research starts from the following question: can photographs taken by those who experience the territory, broaden the possibilities of interpreting the landscape and contribute to a better understanding of regional dynamics? Methodologically, the research is characterized as a case study with a qualitative approach and makes use of bibliographic analysis and thematic grouping of photographic images, guided by the understanding of photography as a language and social construct. The results demonstrated that images recorded by local photographers presented more diverse information about the social practices and ways of life existing in the Marajó landscape, thus being more relevant records for understanding the geographical space in Chaves-PA.

Keywords: Geographic; photography; landscape; Marajó.

GEOGRAFÍAS DEL MUNICIPIO DE CHAVES – PA EN FOTOGRAFÍAS: MIRADAS E INTERPRETACIONES DEL PAISAJE MARAJOARA

Resumen: El paisaje es la categoría de análisis geográfico que expresa las relaciones entre la sociedad y la naturaleza materializadas en el espacio. En la Amazonía, especialmente en el archipiélago de Marajó, presenta características únicas que deben explorarse para comprender mejor las dinámicas socioterritoriales que conforman la región. En este contexto, la fotografía surge como un lenguaje destacado en la interpretación de este paisaje regional. Este estudio analiza cómo

las fotografías realizadas por fotógrafos locales del municipio de Chaves (PA) contribuyen a la interpretación del paisaje de Marajó y a la comprensión de las dinámicas que conforman este espacio geográfico. La investigación parte de la siguiente pregunta: ¿pueden las fotografías realizadas por quienes viven el territorio ampliar las posibilidades de interpretación del paisaje y contribuir a una mejor comprensión de las dinámicas regionales? Metodológicamente, la investigación se caracteriza como un estudio de caso con enfoque cualitativo y utiliza el análisis bibliográfico y la agrupación temática de imágenes fotográficas, guiada por la comprensión de la fotografía como lenguaje y construcción social. Los resultados demostraron que las imágenes registradas por fotógrafos locales presentaban información más diversa sobre las prácticas sociales y los modos de vida existentes en el paisaje de Marajó, siendo, por lo tanto, registros más relevantes para la comprensión del espacio geográfico en Chaves (PA).

Palabras Clave: Geografía; fotografía; paisaje; Marajó.

INTRODUÇÃO

A paisagem, como categoria de análise geográfica, expressa a materialização das relações entre sociedade e natureza, congregando dimensões simbólicas, culturais, históricas e afetivas produzidas a partir de práticas sociais. Na Amazônia, em especial no Arquipélago do Marajó, as singularidades da paisagem são, muitas vezes, invisibilizadas ao serem registradas por olhares externos. Nesse contexto, fotografias de autores locais assumem importância ao traduzirem olhares sensíveis e enraizados no cotidiano, capazes de revelar a diversidade de sujeitos e relações que constituem esses espaços.

Neste estudo, analisa-se como fotografias, produzidas por fotógrafos locais, do município de Chaves-PA, contribuem para a leitura da paisagem marajoara e na compreensão das dinâmicas que constituem esse espaço geográfico. A pesquisa parte do questionamento: fotografias, registradas por quem vivencia o território, podem ampliar as possibilidades de leitura da paisagem e contribuir para melhor compreensão das dinâmicas regionais? A hipótese sustenta que tais registros, produzidos por quem vivencia o território, constituem uma linguagem potente para evidenciar dimensões simbólicas e socioespaciais que o constitui, sendo um recurso relevante para entender melhor o espaço regional, inclusive para uso didático nas aulas de geografia.

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa. Segundo Gil (2002), o estudo de caso permite a análise aprofundada de um contexto específico, enquanto a abordagem qualitativa foca no universo de significados e valores não quantificáveis, procedimentos adequados aos objetivos da pesquisa em tela, já que investiga uma situação

específica com questões subjetivas pertinentes à análise. Fez, ainda, uso da pesquisa bibliográfica, baseada na leitura de livros e artigos (Gil, 2002), para conhecer outros estudos sobre o tema e fundamentar teoricamente as análises das imagens e reflexões apresentadas no texto.

As fotografias foram escolhidas considerando o fato de os autores serem da região e a representatividade das imagens sobre a diversidade da paisagem regional. Os registros foram organizados por agrupamento temático analítico, conforme a proposta de Bardin (2011), e a análise apoiou-se em Mauad (1996), que compreende a fotografia como construção social. As categorias identificadas foram: atividade produtiva tradicional; espaço urbano e rural; transformação espacial; paisagem simbólica; e cultura local.

Esse artigo, além de introdução e considerações finais, conta com mais duas seções, sendo: “Fotografia e paisagem”, que trata das aproximações entre a fotografia e a Geografia; e “A paisagem marajoara a partir do registro de fotógrafos do município de Chaves (PA)” que aborda a análise das paisagens do município de Chaves–PA a partir de imagens captadas por fotógrafos locais.

PAISAGEM E FOTOGRAFIA

A paisagem é nosso primeiro contato com o mundo, a experiência sensível do 'aqui-agora'. Ela consiste em uma coleção de objetos singulares dispostos em uma extensão, cada um em um lugar distinto. Os objetos se separam por distância, mas se combinam em níveis de escala, criando um arranjo paisagístico unificado. A paisagem é o que podemos compreender pela nossa sensibilidade da realidade que nos cerca, formado por um conjunto de elementos surgidos ao longo do tempo. Assim, a leitura da paisagem se dá pelo que se vê e pelo que não se vê, sendo que só o fato de ver (ou não) um elemento da paisagem já é uma leitura carregada de significados (Moreira, 2015).

Desse modo, a paisagem não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas visíveis, mas como uma construção carregada de sentidos produzidos histórica e socialmente. Dessa forma, a paisagem e o espaço devem ser compreendidos a partir de uma relação dialética, na qual a consciência humana produz o espaço ao mesmo tempo em que é por ele moldada, de forma a reforçar a importância de abordagens que integrem dimensão simbólica, histórica e social na leitura geográfica dos lugares.

No âmbito da Geografia, a paisagem é analisada a partir de diferentes perspectivas, especialmente a natural e a humanizada. Nesse sentido, a fotografia possibilita compreender a paisagem como uma síntese entre a materialidade das formas espaciais e as dimensões subjetivas produzidas pela experiência cotidiana dos sujeitos, uma vez que expressa tanto os elementos físicos quanto os sentimentos e significados atribuídos por aqueles que a observam e vivenciam (Caetano; Bezzi, 2011).

Desde o seu surgimento a fotografia tem se mostrado um recurso relevante para a Geografia, por representar um novo modo de registro imagético da paisagem, ampliando as possibilidades de observação, análise e interpretação dos elementos naturais e das dinâmicas espaciais. A fotografia repetida constitui uma técnica relevante no âmbito da pesquisa geográfica por seu caráter utilitário e metodológico, uma vez que possibilita o acompanhamento da evolução das paisagens ao longo do tempo. Por meio de registros sucessivos realizados a partir dos mesmos pontos de vista, essa técnica permite comparar transformações espaciais e reduzir interferências perceptivas, favorecendo uma leitura mais precisa dos processos paisagísticos (Dante, 2014).

No que se refere a definição técnica, a fotografia é compreendida como uma técnica de produção de imagens que se fundamenta na ação da luz sobre uma superfície sensível, descrita, assim, como uma forma de “escrita luminosa” capaz de registrar, representar e interpretar o real. A fotografia emerge do interesse humano de fixar o tempo e preservar experiências vividas. Trata-se de um registro das práticas históricas de representação do mundo, como o desenho, a pintura e a escultura (Maya, 2008).

Quando surgiu, a fotografia consolidou-se como um instrumento de coesão social ao possibilitar a constituição de um “museu imaginário”, formado por coleções de imagens amplamente acessíveis às classes dominantes. Inserida no contexto da produção industrial e capitalista, a fotografia permite deslocamentos simbólicos no tempo e no espaço, adquirindo valor documental e sendo empregada no registro de diferentes realidades sociais, como a pobreza, os conflitos armados, as grandes obras e os processos de identificação pessoal e criminal (Fabris, 2008).

Os primeiros registros fotográficos no Brasil datam de 1832, quando Hercules Romuald Florence, de maneira independente, desenvolveu um método de fixação de imagens por meio da ação da luz na vila de São Carlos, atual Campinas, ao qual denominou Photographie. Tal experiência

antecedeu processos semelhantes realizados na Europa, o que confere a Florence o frequentemente reconhecimento de “patrono” da fotografia (Thomaz, 2012).

Com as transformações ocorridas no país associadas à intensificação da urbanização ao longo do século XX, rápidas mudanças na paisagem das cidades são observadas e com isso evidencia-se a necessidade de preservar a memória desses lugares. Nesse contexto a fotografia assume papel fundamental como instrumento de registro, documentação e interpretação do espaço urbano e constitui-se simultaneamente como linguagem expressiva e como meio de informação ancorado no real, o que lhe confere o estatuto de documento histórico, capaz de registrar, preservar e interpretar aspectos da vida social e dos processos históricos (Kossoy 2002).

O ato de fotografar implica uma forma de apropriação da realidade registrada, na medida em que estabelece uma relação específica entre o sujeito e o mundo, funcionando como um modo de conhecimento e de posicionamento diante do real (Sontag, 2004). A fotografia configura-se como um processo analítico no qual o fotógrafo, diante da complexidade e da desordem do mundo, seleciona e organiza visualmente a realidade. Ao escolher o ponto de observação, o enquadramento, o momento do registro e o plano focal, o fotógrafo estrutura a cena e atribui sentido aos elementos da paisagem, transformando o visível em uma composição ordenada e interpretável (Shore, 2014).

Como se fosse um espaço de encontro entre o fotógrafo e distintos universos sociais, é a partir fotografia que se constroem variadas formas de representação. Esses registros visuais expressam novas paisagens e retratos que evidenciam diferentes grupos sociais e revelam o interesse em conhecer o outro, compreender seus modos de vida e estabelecer um processo comunicativo pautado no reconhecimento das diferenças e das múltiplas posições ocupadas pelos sujeitos na sociedade (Oliveira Junior, 2000).

A imagem fotográfica constitui uma mediação fundamental entre o ser humano e o mundo, uma vez que permite apresentar e representar realidades acessíveis ou não diretamente à experiência, por meio da tradução de códigos visuais que tornam os eventos inteligíveis (Steinke, 2014). Esse processo ocorre de maneira singular, quase “mágica”, característica que se revela fundamental para a compreensão das mensagens imagéticas, já que a imagem comunica e revela sentidos de forma expressiva e não linear, processo este estimulado pelo que se chama de alfabetização geoimagética. Visto que “a imagem quando coletada, processada, organizada e divulgada, poderá ser um instrumento de excelência para a conscientização e percepção de fatos geográficos” (Steinke, 2014).

A imagem só se realiza plenamente no ato da observação, pois pressupõe a presença de um sujeito que a veja e a intérprete, sendo o sentido produzido a partir da interação entre o observador e aquilo que é representado. Portanto, para o autor, a imagem, quando associada à paisagem, ultrapassa o simples ato de ver e se converte em um processo de observação e análise. A paisagem, ao ser representada visualmente, não se apresenta como um dado neutro ou imediato, mas como um conjunto de formas, símbolos e relações que demandam interpretação por parte do observador (Tavares, 2006).

Leitura e a interpretação de fotografias constituem um meio de compreensão do espaço e da sociedade, ao evidenciar como as imagens produzem e expressam representações do real (Pidner; Silva, 2014). Nessa perspectiva, o olhar sobre a paisagem envolve tanto a percepção sensível quanto a leitura crítica dos elementos naturais e sociais que a compõem, fazendo da imagem um mediador entre o sujeito e o espaço vivido. Assim, a análise da paisagem por meio da imagem fotográfica favorece a construção de sentidos, permitindo compreender as dinâmicas espaciais, os valores culturais e as práticas sociais inscritas no território.

A PAISAGEM MAJOARA A PARTIR DO REGISTRO DE FOTÓGRAFOS DO MUNICÍPIO DE CHAVES (PA)

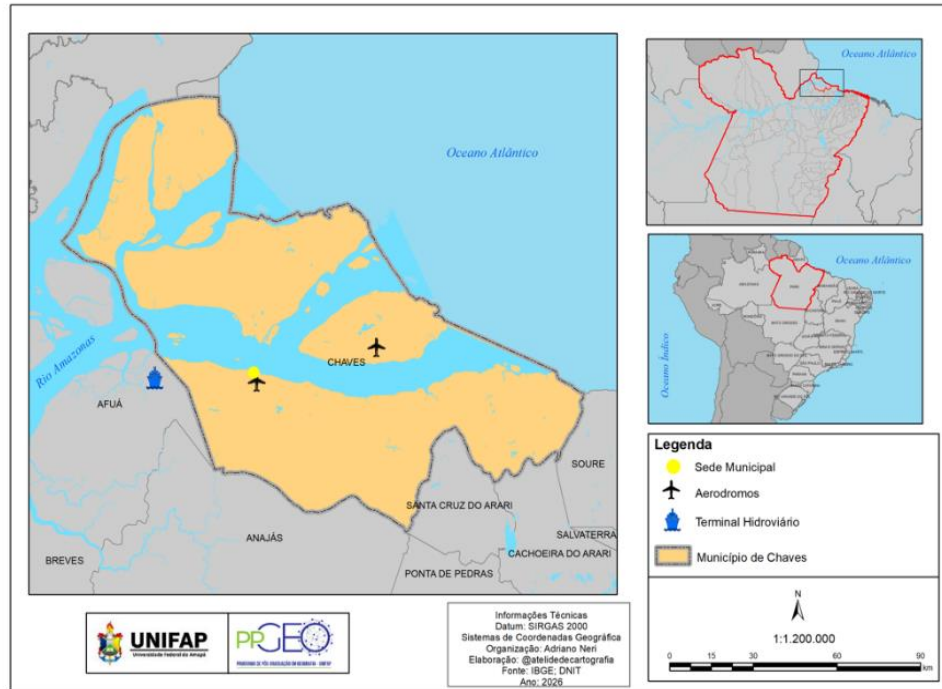
Esta seção analisa a paisagem marajoara a partir de registros feitos por fotógrafos do município de Chaves (PA), no arquipélago do Marajó. As imagens permitem compreender como o espaço se organiza e se modifica, revelando múltiplas identidades. Os registros evidenciam, ainda que, o Marajó é um território plural e heterogêneo, marcado tanto pela presença de populações urbanas, quanto a coexistência de identidades ribeirinhas, extrativistas e camponesas, profundamente articuladas aos rios, a floresta e à terra.

O arquipélago do Marajó está localizado entre as desembocaduras dos rios Amazonas e Tocantins, no estado do Pará. Banhado pelo Oceano Atlântico, rio Amazonas e pelo rio Pará, ocupa uma extensão de cerca de 49.606 km², sendo considerado a maior ilha fluviomarina do mundo. Segundo dados do IBGE (2022) a população residente no arquipélago é de 593.822 habitantes (IBGE, 2022). O município de Chaves integra o Marajó Ocidental, sendo conhecido como Marajó das Florestas, caracterizado pela predominância de matas e rios.

Localizada no estuário do Amazonas, próxima à linha do Equador e ao meridiano de 50° Oeste (Figura 1), Chaves é o maior município da região do Marajó. Sua posição estratégica permite

a visualização do canal entre as ilhas de Caviana e Mexiana, configurando um importante eixo de ligação interna do arquipélago e de acesso ao Atlântico.

Figura 1- Mapa de localização do Município de Chaves-PA



Fonte: IBGE; DNIT. Organização: Adriano Neri (2026).

Assim, a região caracteriza-se por uma pluralidade de paisagens que conferem dinamismo diversificado a esse território amazônico. Constituídas por espaços urbanos, ribeirinhos e rurais, expressam diferentes formas de uso e ocupação do espaço, reunindo praias, igarapés, fazendas e elevada biodiversidade. Trata-se de um território marcado pela diversidade social e cultural, cuja paisagem resulta das práticas de ribeirinhos, vaqueiros, artesãos e trabalhadores rurais. Neri *et al.* (2024) destaca que não existe apenas um único Marajó, há um território diverso, resultante da ocupação de múltiplos grupos sociais e identidades.

As imagens produzidas por fotógrafos de Chaves-PA são analisadas aqui como representações do espaço geográfico local, repletas de sentidos e que expressam práticas socioespaciais do cotidiano. Com base nos temas retratados, as fotografias foram agrupadas em cinco eixos temáticos para examinar as diversas expressões da paisagem marajoara, conforme é possível observar na sequência do texto.

Atividade Produtiva Tradicional

As Figuras 2 e 3, registradas pelos fotógrafos Marcinho e Diego, evidenciam práticas produtivas que superam a dimensão econômica e anunciam modos de vida tradicionais densamente vinculados à relação entre sociedade e natureza no contexto marajoara.

Figura 2 – Fotografia do manejo do Búfalo



Fonte: Marcinho Santos (2024).

Figura 3 – Fotografia da pesca Artesanal



Fonte: Diego Loureiro (2025).

A criação e o manejo de búfalos, assim como a pesca artesanal representadas na Figuras 2 e 3, conformam atividades estruturantes do território chaviense desenvolvidas com base em saberes tradicionais e na ação cotidiana dos trabalhadores com o meio natural. Os campos naturais favorecem o deslocamento dos rebanhos e a consolidação da pecuária bubalina, os ambientes aquáticos guiam a prática da pesca, também marcada pelo domínio das técnicas manuais e por conhecimento ancestrais sobre os ritmos naturais dos rios.

Igualmente, as Figuras 2 e 3 registram dimensões integrantes da produção e reprodução do espaço regional, ao articular elementos econômicos, sociais e simbólicos que fazem parte da paisagem cultural do município. Essas atividades revelam formas de uso do território que avigoram a identidade local, demonstrando a integração entre trabalho, cultura e natureza como base da organização espacial da vida.

Assim, paisagem e sociedade constituem dimensões indissociáveis de um mesmo processo, no qual o espaço se configura a partir das ações humanas e das funções sociais nele materializadas (Santos, 2006). Nessa perspectiva, o manejo do búfalo no Marajó e a pesca artesanal ultrapassam

o caráter estritamente econômico, afirmando-se como prática cultural e social enraizada no cotidiano das comunidades locais, que expressa a articulação entre trabalho, tradição e organização espacial, contribuindo para a conformação da paisagem e para a reafirmação das identidades territoriais.

Espaço Urbano e Rural

As Figuras 4 e 5, registrados pelos fotógrafos Diego e Endrews, promovem um diálogo ao demonstrar a fluidez e as transformações do espaço em uma cidade de caráter semiurbano, como Chaves-PA.

Figura 4 - Fotografia da chave urbana



Fonte: Diego Loureiro (2024).

Figura 5 - Fotografia da chave rural



Fonte: Endrews (2025).

As Figuras 4 e 5 indicam convivência entre usos modernos e tradicionais do território, revelando um processo de transição no qual o urbano se desenvolve sem irromper totalmente com o rural. A primeira fotografia (Figura 4) sugere um espaço em consolidação, assinalado por maior infraestrutura urbana e de circulação, enquanto a segunda (Figura 5) expõe a continuação desse mesmo ambiente, onde os elementos naturais e simples do cotidiano se destacam.

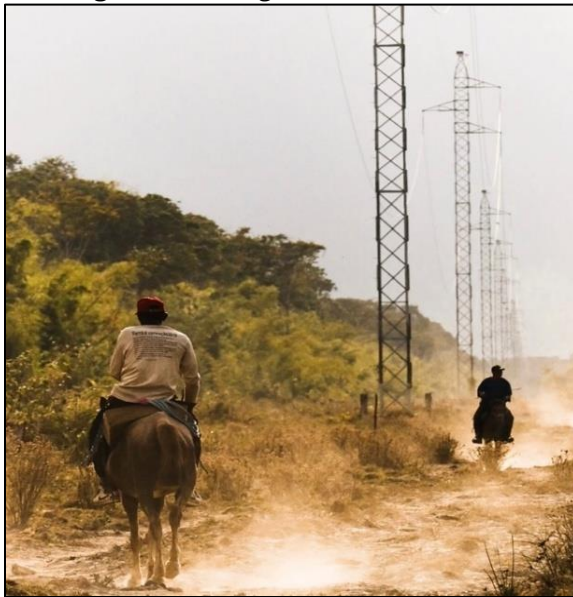
No conjunto, as imagens revelam que o espaço chaviense se organiza a partir de continuidades e sobreposições, e não de rupturas abruptas. O rural e o urbano se articulam e se redefinem mutuamente, configurando um espaço híbrido que expressa a dinâmica da produção e reprodução do espaço geográfico local, preservando vínculos identitários mesmo diante das transformações observadas em muitas cidades do Marajó.

Um contexto em que as pequenas cidades amazônicas não devem ser analisadas apenas a partir de sua importância econômica ou política, mas principalmente por expressarem modos de vida que se diferenciam dos grandes centros urbanos. Nesses contextos, as dimensões urbana e rural se articulam e se sobrepõem, dando origem a formas singulares de sociabilidade, organização territorial e produção da paisagem (Oliveira, 2006).

Transformação Espacial

As Figuras 6 e 7, registradas pelos fotógrafos Endrews e Pedro, demonstram as transformações do espaço rural marajoara com a implantação do Projeto Linhão do Marajó, que introduz infraestrutura elétrica em áreas antes isoladas.

Figura 6 – Fotografia do urbano e o rural



Fonte: Endrews (2025).

Figura 7 – Fotografia do linhão do Marajó



Fonte: Pedro Sena (2025).

A presença nas Figuras 6 e 7 de torres metálicas e máquinas contrasta com a paisagem tradicional do campo amazônico, marcada por vaqueiros e estradas de terra, evidenciando o encontro entre o moderno e o tradicional.

Embora o projeto represente avanços no acesso à energia e à comunicação, ele também provoca mudanças visíveis na paisagem e no cotidiano local, além de impactos ambientais e socioculturais. Dessa forma, o espaço passa a incorporar novas dinâmicas técnicas e urbanas, revelando as contradições do processo de desenvolvimento no território marajoara.

Trata-se de uma modernização que impõe dinâmicas globais repetidamente desconectadas dos lugares, enquanto a vida cotidiana e a cultura permanecem enraizadas no espaço local. As pequenas cidades amazônicas expressam essa contradição ao articular práticas tradicionais com processos contemporâneos que as inserem em redes mais amplas, especialmente por meio da biodiversidade e da sociodiversidade (Oliveira, 2006).

Paisagem Simbólica

As Figuras 8 e 9, registradas pelos fotógrafos Pedro e Daniela, evidenciam a paisagem simbólica de Chaves ao revelar práticas sociais que atribuem sentidos, valores e identidades ao espaço vivido.

Figura 8 – Fotografia da procissão da festividade de Santo Antônio



Fonte: Pedro Sena (2025).

Figura 9 – Fotografia do urbano vivido



Fonte: Daniela de Paula (2025).

A Festividade de Santo Antônio, padroeiro do município, registrada na (Figura 8), integra a religiosidade à vida cotidiana da cidade Chaves ao mobilizar a comunidade em celebrações que ocupam ruas e o rio, fortalecendo vínculos coletivos e a organização social do espaço. O Bar do Bergue (Figura 9), por sua vez, representa a paisagem urbana associada ao lazer e à convivência, funcionando como ponto de encontro e sociabilidade, especialmente nos fins de semana. No conjunto, as imagens revelam que a paisagem urbana de Chaves é formada por formas materiais, mas também por símbolos e experiências compartilhadas, onde o sagrado e profano estão presentes e se articulam.

Nessa perspectiva, as paisagens associadas aos períodos e momentos festivos estabelecem uma relação íntima com aqueles que vivenciam o lugar. Segundo Tuan (1983), os lugares íntimos são construídos a partir de experiências afetivas e do contato vivido entre as pessoas e o espaço, permanecendo inscritos na memória não apenas como imagens ou elementos materiais, mas como sensações e lembranças carregadas de significados emocionais.

Cultura Local

As Figuras 10 e 11, registradas pelo fotógrafo Diego, anunciam a cultura local marajoara, ao demonstrarem práticas tradicionais ligadas ao modo de vida rural e à identidade coletiva da região.

Figura 10 – Fotografia da luta marajoara



Fonte: Diego Loureiro (2024).

Figura 11 – Fotografia da corrida de cavalo



Fonte: Diego Loureiro (2023).

A Luta Marajoara (Figura 10), de origem indígena e incorporada ao longo do tempo pelos caboclos e, a corrida de cavalo (Figura 11), associada à tradição do vaqueiro, são manifestações recorrentes nas festividades comunitárias, como o Festival do Vaqueiro e do Pescador, realizado no município de Chaves.

Mais do que atividades concorrentes, ambas representam símbolos de resistência cultural, pertencimento e valorização das raízes amazônicas. Durante esses eventos, o espaço rural é ressignificado como lugar de encontro e sociabilidade, reunindo diferentes gerações em torno da celebração da cultura marajoara e fortalecendo os laços comunitários que sustentam a produção simbólica do território.

Os espaços de representação são constituídos prioritariamente pelas experiências vividas, sendo atravessados pelo imaginário, pelos símbolos e pelos afetos produzidos no cotidiano (Lefebvre, 2000). Desse modo, tais espaços são expressão da cultura local, por surgirem das práticas, das memórias e dos significados construídos historicamente por uma comunidade em sua relação com o território. Ao não se limitarem a uma lógica formal ou funcional, esses espaços revelam a profundidade cultural das vivências locais, nas quais a história coletiva e as experiências individuais se entrelaçam e dão sentido ao lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e compreensão das fotografias produzidas por fotógrafos locais do município de Chaves-PA evidenciou a paisagem marajoara como expressão das relações entre sociedade e natureza materializadas no espaço geográfico. Os registros revelam práticas sociais, modos de vida e transformações espaciais que configuram e produzem a paisagem local a partir da convivência entre permanências históricas culturais e mudanças recentes, características do contexto amazônico marajoara.

A organização e o agrupamento das imagens foram fundamentais para compreender, com maior atenção, as diversas dinâmicas presentes na paisagem local e na produção do espaço geográfico marajoara, tecendo significações a respeito da diversidade paisagística que representam o município. Esse procedimento permitiu identificar como diferentes práticas e usos do território se articulam e se sobrepõem, revelando a complexidade do espaço chaviense.

Destaca-se, nesse processo, a centralidade do olhar de quem vive o espaço geográfico local. As fotografias analisadas expressam percepções enraizadas na experiência cotidiana do território, evidenciando dimensões simbólicas, culturais e socioespaciais da paisagem que dificilmente seriam apreendidas por olhares externos ou representações distanciadas.

De modo geral, os resultados indicam que a fotografia constitui uma linguagem relevante para a interpretação da paisagem e da produção do espaço geográfico no município de Chaves-PA. Ao valorizar o olhar local, a pesquisa contribui para ampliar as possibilidades de leitura do território marajoara e para superação de leituras estereotipadas da região. Reforça-se, assim, a importância do uso da linguagem fotográfica na análise geográfica, especialmente no contexto amazônico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZZI, M. L.; CAETANO, J. N. Reflexões na Geografia Cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, p. 453-466, 2011.

DANTE, F. R. C. Jr. Aspectos históricos da fotografia e realizações em geografia. In: STEINKE, V. A.; DANTE, F. R. C.; BATISTA, E. (org.). **Geografia & Fotografia**: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, 2014. p. 11-14.

FABRIS, A. O circuito social da fotografia: estudo de caso – I. In: FABRIS, A. (org.). **Fotografia**: usos e funções no século XIX. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, 2022.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acesso em: 2 jan. 2024.

MAYA, Eduardo Ewald. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 5, p. 103–129, 2008. DOI: 10.5433/1984-7939.2008v4n5p103. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1928>. Acesso em: 4 ago. 2024.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2015.

NERI, A. R. *et al.* O conceito de território a partir do uso da linguagem fotográfica: uma proposta didática para o ensino geográfico no Marajó. In: PALHETA, J. M.; SANTOS, L. C. B. (org.). **Geografia e territorialidade na Amazônia Paraense**. Belém, PA: GAPTA/UFPA, 2024. p. 41-61.

OLIVEIRA, J. A. de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 3, p. 27-29, 2006.

OLIVEIRA JUNIOR, A. R. A luz do social nas imagens: fragmentos teóricos na fotografia de documentação social. **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 51-61, 2000.

PIDNER, F. S.; SILVA, M. A. da. Fotografias de Sebastião Salgado: grafia, poética e produção do espaço geográfico. **Revista Científica Vozes dos Vales**, Teófilo Otoni, ano 3, n. 6, 2014. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2014/10/Fotografias-de-Sebastião-Salgado-grafia-poética-e-produção-do-espaço-geográfico.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2025.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SHORE, S. **A natureza das fotografias**: uma introdução. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEINKE, V. A. Imagem e geografia: o protagonismo da “fotogeografia”. *In*: STEINKE, V. A.; DANTE, F. R. C.; BATISTA, E. (org.). **Geografia & fotografia**: apontamentos teóricos metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, 2014.

TAVARES, Frederico de Melo Brandão. Fotografia e Linguagem: para pensar a comunicação. **Mediação**, Belo Horizonte, n. 5, nov. 2006.

THOMAZ, Tatiana dos Santos. Geografia e fotografia: relação entre paisagem, espaço e imagem. **Revista Espaço e Geografia**, v. 15, p. 517-549, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/39956>. Acesso em: 5 ago. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983